



SOB A PELE DAS PALAVRAS DO *NOTURNO DO CHILE**

Mário Augusto Medeiros SILVA¹;
Alexandro Henrique PAIXÃO²;
Anderson Ricardo TREVISAN³;
Mariana CHAGURI⁴.

Resumo: *Noturno do Chile*, de Roberto Bolaño, é um romance sobre as sombras. Sombras que são edificadas com a aproximação da cesura da morte do personagem padre Lacroix. Tentar desvendá-las faz parte da leitura deste livro traduzido há alguns anos no Brasil (2004). Mas não se trata de um livro fácil para leitores tranquilos, pois sua narrativa incomoda e provoca a todos para que se “tire a peruca”. E este ato é menos simples do que parece, pois sua desafiadora ilusão realista é um convite à interpretação. Em *Noturno do Chile* é preciso desconfiar de cada evidência empírica, de cada fato e de cada elemento datado, pois o narrador nos induz a pensar que ao nos aproximarmos da História seremos capazes de desvendar a obra, o que não passa de uma astuta manobra literária. Os fatos, os dados históricos, as evidências, levam sempre mais afundo, em direção às sombras, e ali descobrimos que uma nova camada se apresenta e uma nova imagem tão sombria quanto a primeira se constrói e precisa ser desvendada novamente. “Nada é o que parece” é uma das assertivas de o *Noturno do Chile*, e o convite é tentar ver sob a pele das palavras⁵.

Palavras-chave: Roberto Bolaño; literatura chilena; sociologia da literatura; metaliteratura; micro-história.

Todos, mais cedo ou mais tarde, iam voltar a compartilhar o poder. Direita, centro, esquerda, todos da mesma família. Problemas éticos, alguns. Problemas estéticos, nenhum. Hoje governa um socialista, e vivemos exatamente da mesma maneira. Os comunistas (que vivem como se o Muro não tivesse caído), os democratas-cristãos, os socialistas, a direita e os militares. Ou ao contrário. Posso dizer ao contrário! A ordem dos fatores não altera o produto! Nenhum problema! Só um pouco de febre!

* O título deste artigo é inspirado em um dos versos do poema “A flor e a náusea” (1945), de Carlos Drummond de Andrade.

¹ Mestre em Sociologia pela Unicamp, doutorando em Sociologia pela mesma universidade e bolsista FAPESP.

² Mestre em Sociologia pela USP, doutorando em Sociologia pela mesma universidade e bolsista CNPq.

³ Mestre em Sociologia pela USP, doutorando em Sociologia pela mesma universidade e bolsista FAPESP.

⁴ Mestre em Sociologia pela Unicamp, doutoranda em Sociologia pela mesma universidade e bolsista FAPESP.

⁵ Este artigo apresenta uma leitura esquemática e parcial desta obra literária. Esquemático no sentido de sintetizarmos várias passagens do livro e parcial à medida que desdobramentos que se faziam necessários dentro de uma perspectiva da sociologia da literatura não foram esgotados. Contudo, apesar das limitações, não poupamos esforços para levar ao leitor um pouco do universo deste importante romance chileno e, talvez, despertar algum interesse pela sua leitura.



Noturno do Chile se inicia com um intrigante aviso ao leitor, na forma de epígrafe: “*Tire a peruca*”. Não há maiores informações, apenas a frase e seu autor, Chesterton. Se o leitor esperar que, nas páginas seguintes, o autor⁶ revele rapidamente o motivo de tê-lo chamado atenção dessa forma, ficará desapontado. Entretanto, abrir-se-á a ele um tenso fluxo de consciência do padre Sebastian Urrutia Lacroix que se estenderá por um parágrafo de cento e dezoito páginas, ao longo do qual a história chilena dos anos de 1950 até meados da última década do século XX será constantemente acionada e ganhará sentido na medida em que importa para a rememoração da vida cotidiana e da trajetória pessoal do padre, que está chegando ao fim. As cesuras são feitas de sombras, tanto que história pessoal e história social serão narradas através do ambiente noturno, em meio às sombras que se projetam no leito de morte de Lacroix.

Apesar da longa duração, de imediato é sabido que o padre tem pouco tempo. E, portanto, precisa se expressar, sem ser interrompido: “*agora estou morrendo, mas ainda tenho muita coisa para dizer. Estava em paz comigo mesmo. Mudo e em paz. Mas de repente surgiram as coisas. Aquele jovem envelhecido é o culpado. Eu estava em paz. Agora não estou em paz*” (BOLAÑO, 2004, p.09). Lacroix obriga-se a reordenar suas ações e dar sentido a suas escolhas, em uma reconstrução memorialística que é despertada ante a aproximação da morte. Contrariando a assertiva brechtiana de que *a fraqueza da memória fortalece o homem* (Cf. BRECHT, 2001), Lacroix vai reunindo forças a cada lembrança, a cada mergulho no imaginado, a cada confronto com o *jovem envelhecido*, uma espécie de heterônimo do personagem de ficção.

Mas quem é este homem? Quem é o padre Lacroix? O que tem tanto a dizer antes de morrer? Trata-se de um padre que durante o livro todo rezou missa uma única vez, em ambiente profano, aliás. Alguém cuja vocação se manifestou aos treze anos de

⁶ Roberto Bolaño (1953 – 2003), nascido no Chile, iniciou sua carreira no México, para onde havia se mudado com a família em 1968. Oito anos depois, em 1976, fundou em companhia do poeta mexicano Mario Santiago Papasquiaro (1953 – 1998) o *movimento infrarrealista*, “posicionándose en el ámbito de la poesía alternativa en la época en la que dominaba el magisterio de Octavio Paz. Y es precisamente para oponerse a Paz por lo que los creadores pretendían producir una literatura nueva y totalmente distinta” (BOLOGNESE, 2009, p.8). Foi na Espanha, onde viveu de 1977 até sua morte, que Bolaño publicou seu primeiro romance *Consejos de un discípulo de Morrison a un fanático de Joyce* (1984). O primeiro sucesso editorial veio alguns anos depois com *La literatura nazi en América* (1996). Em 1999, recebeu o importante prêmio para literatura em língua espanhola *Rómulo Gallegos* por *Los detectives salvajes*, lançado um ano antes. Escritor profícuo, Bolaño publicou, entre contos, poesias e romances, dezenove obras (três póstumas) ao longo de dezenove anos de carreira literária. Seu sucesso editorial e de crítica não diminuiu após sua morte, ao contrário, obras inéditas do autor continuam vindo a público, destaque para a grandiosa narrativa de *2666*, lançada em 2010 e traduzida em diversas línguas.



idade, embora o maior desejo, concretizado após ser ordenado, fosse adentrar os círculos de leituras chilenos e ser um poeta e crítico literário. O que aconteceu de fato, graças a sua amizade com o maior crítico literário de então, González Lamarca, o *Farewell*. Pode-se dizer que, a partir do encontro entre os dois, a Igreja e o mundo divino serão preocupações secundárias para o padre Lacroix. Farewell será seu mentor intelectual e o acompanhará até o fim da vida. Là-Bas, a fazenda de *Farewell*, será o local de reunião dos amigos escritores, entre eles o nosso personagem. Cada vez mais o mundo dos homens, das letras e da política o interessarão, lateral ou diretamente. E neles orbitará. A narração de Lacroix se dá a partir de seu presente, e tudo o que nos contará e julgará será visto em retrospectiva. O passado, portanto, é relembrado e apresentado ao leitor com detalhes minuciosos e com a imprecisão que é própria da rememoração pessoal. Conseqüentemente, a narrativa cria um universo de sentido, em termos sociais, somente quando o padre está em cena e confia ao leitor seu mundo (individual) de sombras⁷: *“Naquela época comecei a trabalhar na Universidade Católica. Naquela época comecei a publicar meus primeiros poemas e também minhas primeiras críticas de livros, minhas notas sobre a vida literária de Santiago. Apóio-me num cotovelo, estico o pescoço e recordo”* (BOLANÑO, 2004, p.28).

Esse trânsito de Lacroix, individual e em cena, mas ao mesmo tempo à distância, permite que ele seja um grande observador da vida de seus pares e cidadãos chilenos, sempre no passado. O tempo presente é reconhecível apenas no momento em que ele se apóia nos cotovelos, para observar algo em seu quarto. Outro procedimento que o narrador adota é o de naturalizar todas as ações: nada lhe parece estranho, tudo acontece sem maiores sobressaltos, mesmo os eventos mais improváveis. É por meio desse modo amoral de observar a história que se constrói a fina ironia do livro. As situações pelas quais Sebastian Lacroix passa ou ouve dizer, narradas por ele à beira da morte e com certa tranquilidade, ganham tons por vezes amargos, por vezes cômicos ou trágicos. Um primeiro grande exemplo é o encontro na casa de Don Salvador Reyes, diplomata e escritor chileno, numa reunião literária, onde se revela também uma primeira temporalidade do narrador. O anfitrião se gabava de ter conhecido Ernst

⁷ Observa-se que o presente é preciso do ponto de vista pessoal: Lacroix está morrendo. Contudo, não há na narrativa maior precisão acerca do tempo social. Os marcos temporais são fugidios e apresentados sutilmente, sem a pretensão de operarem como marcadores rígidos. Neste sentido, a passagem do tempo durante a rememoração do padre parece ser marcada pelo envelhecimento de Farewell, convertendo o personagem do crítico numa espécie de ponto fixo que auxilia o leitor a perceber o transcurso do tempo. O tema será retomado ao longo da análise.



Jünger, um dos maiores intelectuais alemães, durante a Segunda Grande Guerra. Conhecem-se, jantam juntos, andam pelas ruas de Paris. Lacroix está presente com Farewell, que assim como os outros, se delicia com a estória:

[...] Pouco depois Ernst Junger foi jantar na casa de Salvador Reyes[...] e quando o alemão se despediu, don Salvador lhe ofereceu um dos seus livros traduzidos para o francês, talvez o único, não sei, de acordo com o jovem envelhecido ninguém em Paris conserva a mais remota lembrança de don Salvador Reyes, deve dizer isso só para implicar comigo[...] mas isso não vem ao caso, o que vem ao caso é que, ao ir embora da residência de Salvador Reyes, o alemão levava no bolso do terno o livro do nosso escritor, e não há dúvida que leu o livro, pois fala dele nas suas memórias, e não fala mal. Isso foi tudo que Salvador Reyes nos contou dos seus anos em Paris durante a Segunda Guerra Mundial. Uma coisa é certa, e dela deveríamos nos orgulhar: em suas memórias, Jünger não fala de nenhum chileno, salvo don Salvador Reyes[...] (BOLAÑO, 2004, pp.39-40).

Para o crítico, o maior orgulho de um escritor chileno é ser citado nas memórias de um dos maiores escritores do século XX, embora não importe o que seja dito sobre ele. O procedimento de citação de figuras humanas ancoradas ao mundo real produz um efeito particular: permite ao autor apresentar os altos círculos da vida intelectual chilena, situando-os, tal qual nos trechos acima, em sua pequenez e provincianismo. Em outros momentos são citados Pablo Neruda e Nicanor Parra, ambos escritores de renome internacional. Mas nas memórias de Lacroix são vistos como elementos de lembrança, homens quase comuns, banalizados na rotina de um certo quotidiano. O ato de produzir uma *metaliteratura*, ao reposicionar essas figuras reais no universo ficcional, menos que demonstrar quão erudito é o autor, oferece contornos precisos à vida intelectual como vivida por Lacroix e compartilhada por seus pares: mais afeita à sociabilidade do que às grandes discussões. Seja como for, pela ótica de Lacroix tal conformação da vida intelectual chilena poderia acarretar “*problemas éticos, alguns, problemas estéticos, nenhum*” (BOLAÑO, 2004, p.95).

O mundo intelectual e político chileno se desenvolvem como uma cena em sombras, não raro remetendo a algo mortuário. O primeiro encontro de Sebastian com um dos maiores poetas chilenos vivos acontece sob o luar, no escuro da fazenda de Farewell⁸, onde sua sombra se assemelha a um *esquife*. A metáfora da sombra

⁸ “[...] O ar estava cada vez mais frio, e não havia ninguém ali, mas no jardim distingui uma sombra alongada como um esquife[...]Aproximei-me com decisão do lugar onde a sombra tinha se escondido. Junto da fantasia equestre de Farewell, eu o vi. Estava de costas para mim. Usava um casaco de veludo, um cachecol, na cabeça um chapéu de aba curta jogado para trás, e murmurava profundamente umas palavras que não podiam estar sendo dirigidas a ninguém, a não ser à lua.[...] Era Neruda. Não sei o que mais aconteceu. Lá estava Neruda, alguns metros atrás estava eu e, entre os dois, a noite, a lua, a estátua



reaparece, em outros momentos, para afirmar que esse mundo intelectual vive de aparências, que nem tudo se assemelha como é, que existem ambivalências que não podem ser ignoradas. Ao se recordar do começo de seus trabalhos como crítico e poeta, Lacroix diz que:

[...] Mas nem tudo foi fácil. Com o tempo até rezar aborrece. Escrevi críticas. Escrevi poemas. Descubri poetas. Elogiei-os. Exorcizei naufrágios. *Fui provavelmente o membro da Opus Dei mais liberal da república. Agora o jovem envelhecido me observa de uma esquina amarela e grita para mim. Diz que sou do Opus Dei. Nunca escondi isso, disse-lhe.* [...] *Gostaria de dizer a ele que assim não vamos a lugar nenhum. Gostaria de dizer a ele que até os poetas do Partido Comunista Chileno morriam de vontade de que eu escrevesse alguma coisa amável sobre seus versos. E eu escrevi coisas amáveis sobre seus versos. Sejamos civilizados, sussurro.* Mas ele não me escuta. De vez em quando uma ou outra das suas palavras chega com clareza. Insultos, que mais? Bicha, disse? Opudeísta, disse? *Bicha Opudeísta?* [...] Nunca escondi que pertenço ao Opus Dei, jovem, digo ao jovem envelhecido, embora já não o veja [...] Nunca escondi. Todo mundo sabia. Todos no Chile sabiam. Só o senhor, que por vezes parece mais imbecil do que é, ignorava. Silêncio. O jovem envelhecido não responde. [...] (BOLAÑO, 2004, pp.55-56, grifos nossos).

A cena em sombras revela-se por etapas e nunca promove qualquer espanto. No trecho acima está um dos traços mais marcantes de Sebastian Lacroix e de sua complexa narração: a exposição, camada por camada, de suas ambiguidades (política, literária, sexual, religiosa) que, no limite, revelam também as ambiguidades do grupo social a que pertence – e, talvez, do próprio país. *Tire a peruca?* Provavelmente ainda não, sutilmente o padre crítico escolhe as ambiguidades a serem expostas: ele assume ser membro da Opus Dei, mas não que seja homossexual, embora sugira o fato em outros momentos de suas memórias. Contudo, mesmo que se reconheça sua condição de “bicha opudeísta”, o que o personagem não faz, isso pouco significa dentro da construção histórica do ficcional, onde se esgrimam o padre e o jovem envelhecido. *Sejamos civilizados*, ele sussurra ao jovem envelhecido. Contenha os traços grosseiros, conserve o verniz, não exponha publicamente certos pormenores desagradáveis. É sempre na esfera privada que se dão os maiores embates. É nessa câmara escura que Lacroix duela com as invectivas do jovem envelhecido, mas também será em outros ambientes onde não se pode ver com clareza, onde os detalhes somente podem ser suscitados, que situações dramáticas e alinhavos precários serão narrados.

Nada é o que parece. Em o *Noturno do Chile* é preciso ver *sob a pele das palavras*. E isso fica evidente quando nos deparamos com o curioso encontro de

equestre, as plantas, as madeiras do Chile, a escura dignidade da pátria” (BOLAÑO, 2004, p.19)



Lacroix com dois mercadores, que mudará significativamente sua vida. Após vivenciar uma crise de tédio, pessoal e literário, mas sem dar muitas explicações⁹, o personagem, imerso em si mesmo, põe-se a perambular pela cidade, quando então é surpreendido por dois homens, os senhores Odem e Oidó, diretores de uma firma de importação e exportação. Qual seria o espanto do padre ao interagir com estes dois desconhecidos “[...] numa rua amarela”, e ao atender o chamado para que os seguisse? Absolutamente nenhum. Assim como também não o surpreende a missão que Odem e Oidó lhe reservam. Embora se dediquem a importação e exportação, os mercadores também lidam com “[...] outros quesitos” (BOLAÑO, 2004, p.63). Quesitos esses poucos claros, mas que uma instituição como a Casa de Estudos do Arcebispado não se faz de rogada em utilizar. Mais uma vez a exposição em camadas demonstra a ambiguidade das personagens e das situações. E, neste caso, a Casa precisa de alguém que estude conservação de igrejas na Europa e Lacroix é a pessoa mais indicada para fazê-lo. “No Chile, como não podia deixar de ser, ninguém sabia nada sobre esse assunto. Na Europa, pelo contrário, as pesquisas estavam muito avançadas, e em certos casos já se falava de soluções definitivas para frear a deterioração das casas de Deus” (BOLAÑO, 2004, p.63). Lacroix deveria então pesquisar métodos, visitar igrejas diversas, escrever relatórios e retornar com a solução, durante um ano ou ano e meio, caso não tivesse concluído o trabalho, aliás, bem remunerado. Ele aceita, pois “Claro o trabalho parecia ter sido pensado ex professo para mim”. (BOLAÑO, 2004, p.64). E chegando a Europa descobre que “não era a poluição ambiental o maior agente destruidor dos grandes monumentos românicos ou góticos, mas a poluição animal, mais concretamente as cagadas das pombas” (BOLAÑO, 2004, p.66). De um país a outro visitado (Itália, França Bélgica, Espanha etc.), a mesma estória se repete. A solução: padres mestres nas artes da falcoaria, treinando suas aves como assassinas das pombas. Sem espanto, sem escândalo, sem frustrações. Eis a grande superioridade intelectual europeia, assim como

⁹ A passagem é logo após a narrativa da dificuldade dos começos, quando se supõe que já esteja estabelecido como crítico e poeta: “Uma paz propícia para recordar outros céus azuis, outras nuvens diminutas que corriam arrastadas pelo vento de oeste a leste, e a sensação de tédio que produziam no meu espírito. Ruas amarelas e céus azuis. E, à medida que você se aproximava do centro da cidade, as ruas iam perdendo esse amarelo ofensivo para se transformar em ruas cinzentas, ordenadas e aceradas[...]E isso produzia não somente desalento em minha alma mas também tédio, ou talvez o desalento tenha começado a se tornar tédio[...]minha atividade de poeta foi objeto de mutação perigosa, pois o que se chama de escrever eu continuava fazendo, mas escrevia poemas repletos de insultos, blasfêmias e coisas piores que tinha o bom senso de destruir mal amanhecia[...]Então parei de dar aulas. Parei de rezar missa. Parei de ler o jornal toda manhã e de comentar as notícias com meus irmãos. Parei de escrever com clareza minhas resenhas literárias[...]” (BOLAÑO, 2004, pp.56-57).



tudo o que um chileno – o mais indicado de seu país – deveria aprender sobre o assunto. E todo o périplo de Lacroix se passou como teria de se passar.

[...] Um dia decidi que era hora de retornar ao Chile. Voltei de avião. A situação na pátria não era boa. *Você não deve sonhar, mas ser conseqüente*. Você não deve se perder em busca de uma quimera, mas ser patriota, dizia comigo mesmo. No Chile, as coisas não iam bem. Para mim, as coisas iam bem, mas para a pátria não tão bem. Não sou um nacionalista exacerbado, mas sinto um amor autêntico pelo meu país. Chile, Chile. Como pudeste mudar tanto? (BOLAÑO, 2004, p.75, grifos nossos).

Uma nova temporalidade abre-se com o excerto acima e conduz a um dos pontos mais tensos da narrativa de Lacroix. As oscilações do narrador estão compassadas com as oscilações da história social, embora o indivíduo aparente ser mais importante que o coletivo. A nova camada desfraldada pela memória de Lacroix remete para o momento em que Salvador Allende ascende como Presidente da República. Deve-se evitar os sonhos e ser conseqüente, vaticina o narrador. Pois “*Os chilenos enlouqueceram? De quem é a culpa? [...] Será que vais te transformar em outra coisa? Num monstro que ninguém reconhecerá? Depois vieram as eleições, e Allende ganhou. E eu me aproximei do espelho do meu quarto e quis formular a pergunta crucial, a que tinha reservado para esse momento, e a pergunta se negou a sair dos meus lábios exangues*” (BOLAÑO, 2004, p.75).

Quando isso acontece, quando o presente se mostra incompreensível e, de alguma maneira inaceitável, o melhor passo é retroceder à tradição, ouvir o passado, mesmo que há muito não se o consulte, querendo estar atualizado com a ordem do dia. “*Na noite do triunfo de Allende saí e fui a pé até a casa de Farewell. Ele mesmo abriu a porta. Como estava envelhecido.*” (BOLAÑO, 2004, p.75). Ambos suscitam ser contrários ao governo socialista que se renuncia, embora tenham a mesma ideia de dar telefonemas para seus amigos de esquerda e/ou experimentalistas, como Pablo Neruda e Nicanor Parra. O contato não se faz. Se assim como os poetas católicos, deveriam “*estar todos nas ruas comemorando o triunfo de Allende*” (BOLAÑO, 2004, p.76), o melhor a fazer agora, para Farewell, era adormecer numa poltrona. E, para Lacroix, se recolher a sua casa e esperar, lendo os clássicos gregos. A narrativa acelera-se de maneira a conferir um efeito desnorteante, tanto do processo social pelo qual passa o Chile quanto da história pessoal de Lacroix. O trecho é longo e demonstra bem isso:

Seja o que Deus quiser, disse comigo mesmo. Vou reler os gregos. Comecei



com Homero, como manda a tradição, e continuei com Tales de Mileto, Xenófanes de Colofonte, Alcmeón de Crotona, Zenão de Eléia (como era bom), depois mataram um general do Exército favorável a Allende, o Chile restabeleceu relações diplomáticas com Cuba, o censo demográfico nacional registrou um total de oito milhões, oitocentos e oitenta e quatro mil setecentos e sessenta e oito chilenos, a televisão começou a transmitir a novela O direito de nascer, li Tirteu de Esparta, Arquíloco de Paros, Solón de Atenas, Hiponacte de Éfeso, Estesícoro de Hímera, Safo de Mitilene, Píndaro de Tebas (um dos meus favoritos), e o governo nacionalizou o cobre, depois o salitre e o ferro, Pablo Neruda recebeu o Prêmio Nobel, Díaz Casanova, o Prêmio Nacional de Literatura, Fidel Castro visitou o país, e muitos acharam que ia ficar vivendo aqui para sempre, mataram o ex-ministro da Democracia Cristã Pérez Zujovic, Lafourcade publicou Palomita blanca, fiz uma boa crítica, quase uma glosa triunfal, embora no fundo eu soubesse que era um romancinho que não valia nada, organizou-se a primeira marcha das panelas contra Allende, li Ésquilo, Sófocles, Eurípides, todas as tragédias, e Alceu de Mitilene, Esopo, Hesíodo, Heródoto (que é mais um titã do que um homem), no Chile houve escassez, inflação, mercado negro, filas compridas para conseguir comida, a Reforma Agrária expropriou a fazenda de Farewell e muitas outras fazendas, criaram a Secretaria Nacional da Mulher, Allende visitou o México e a Assembléia das Nações Unidas em Nova York, houve atentados, li Tucídides, as longas guerras de Tucídides e os homens desarmados, os que apanham a uva e os que escutam de uma montanha o horizonte distante, esse horizonte onde eu estava confundido com milhões de seres, à espera de nascer, esse horizonte que Tucídides escrutou e onde eu tremia, também reli Demóstenes, Menandro, Aristóteles e Platão (que sempre é proveitoso), houve greves, um coronel do regimento blindado tentou dar um golpe, um cinegrafista morreu filmando sua própria morte, depois mataram o ajudante-de-ordens naval de Allende, houve distúrbios, palavras grosseiras, os chilenos blasfemaram, picharam as paredes, depois quase meio milhão de pessoas desfilaram numa grande marcha de apoio a Allende, depois veio o golpe de Estado, o levante, o pronunciamento militar, bombardearam La Moneda, e, quando terminou o bombardeio, o presidente se suicidou e tudo acabou. Então eu fiquei quieto, com um dedo na página que estava lendo, e pensei: que paz. Levantei e fui à janela: que silêncio. O céu estava azul, um azul profundo e limpo, marcado aqui e ali por algumas nuvens. Ao longe vi um helicóptero. Sem fechar a janela, ajoelhei e rezei, pelo Chile, por todos os chilenos, pelos mortos e pelos vivos (BOLAÑO, 2004, pp.76-77).

Allende ganha as eleições, ascende ao governo, enfrenta a oposição interna, sofre um golpe de estado; é bombardeada a sede do governo, o Presidente se suicida e sobe ao poder uma Junta Militar. Duas páginas vertiginosas, passadas num quarto tranquilo¹⁰.

“Depois telefonei para Farewell. Como se sente?, perguntei. Estou pulando de

¹⁰ Assim como ocorre com o efeito causado pelo recurso a figuras literárias ancoradas ao mundo real, a recuperação de fatos marcantes da história recente do Chile descritos *pari passu* as ações de Lacroix acabam por revelar como, para o padre, *“a ordem dos fatores não altera o produto!”* (BOLAÑO, 2004, p.95). Vale destacar também neste processo de ilusão realista, que insere escritor e obra dentro da linhagem do romance histórico, Bolaño figura ora elementos trágicos, à maneira dramática de Balzac ou Dickens, ora elementos prosaicos, próprios do romance popular, folhetinesco, sobretudo quando adota o tom dos *fait divers* jornalísticos. Acerca da mistura de estilos ver: AUERBACH, 2000; acerca do romance popular ver: THIESSE, 2000.



felicidade, respondeu. Os dias que se seguiram foram estranhos, era como se todos nósouvéssemos acordado de repente de um sonho para a vida real, embora por vezes a sensação fosse diametralmente oposta” (BOLAÑO, 2004, pp.77-78). Neste intercurso entre o sonho e a realidade, entre a penumbra e a claridade, reaparecem Odem e Oidó, com mais um missão, traficando interesses do mundo exterior para o universo privado de Lacroix:

[...]Somos portadores de uma proposta muito delicada, disse o sr. Odem. Assenti com a cabeça e não disse nada.[...]Algo que exige a máxima reserva, disse o sr. Odem, principalmente agora, nesta situação. Eu disse que sim, claro que compreendia.[...]O senhor sabe algo de marxismo?, perguntou o sr. Oidó, depois de limpar os lábios com o guardanapo. Algo sim, mas por motivos estritamente intelectuais, respondi. [...]Os senhores me conhecem, não sou marxista, disse. Mas conhece ou não conhece, digamos, as bases do marxismo?, perguntou o sr. Oidó[...] Não é muito difícil, disse eu, tremendo da cabeça aos pés e experimentando a sensação mais forte que nunca de coisa sonhada. O sr. Odem me deu uma palmadinha na perna. O gesto foi carinhoso, mas quase dei um salto. Se não é difícil aprender, também não dever ser difícil ensinar, disse o sr. Oidó (BOLAÑO, 2004, pp.80-82).

A situação é inusitada. No começo da década de 1970, após o golpe da Junta Militar chilena, ser questionado sobre conhecer algo sobre marxismo – e responder positivamente – poderia ter dois caminhos possíveis: a oposição clandestina ao governo ou, sob o regime de terror, a prisão e a tortura certas, rumo à morte. Mas estamos vendo a cena sob os olhos de Padre Sebastian Urrutia Lacroix, seus olhos observadores e baços, questionadores e passivos. E, segundo sua ótica, estamos diante dos estratos médios chilenos trafegando entre acordos e conciliações, luzes e sombras. Sempre há a zona cinzenta, uma terceira opção, nem tanto ao mar ou a terra. O que Odem e Oidó vêm oferecer a Lacroix é uma oportunidade ímpar, em todos os sentidos possíveis. Consistiria *“Em dar umas aulas de marxismo, não muitas, o suficiente para que certos cavalheiros a quem todos os chilenos querem muito bem tenham uma ideia do que se trata, disse o sr. Odem[...]*” (BOLAÑO, 2004, p.82). E, para reforçar, *“é um trabalho que ninguém pode recusar. Que ninguém ia querer recusar[...]*Quem são meus alunos?, perguntei. O general Pinochet, disse o sr. Oidó. Engoli em seco. E quem mais? O general Leigh, o almirante Merino e o general Mendoza, ora quem mais poderia ser?” (BOLAÑO, 2004, p.83).

O que faz Lacroix ser o homem certo para determinadas situações? Que força adaptativa tem o padre crítico, que lhe permite transitar de um extremo a outro, de um espectro político e artístico com tanta naturalidade? As aulas para a Junta Militar são



dadas com esmero. Novamente, o ambiente é de sombras e escuridão. Da ida da redação do jornal onde trabalhava até a casa secreta onde se dariam as aulas, tudo acontece no escuro. “*Quem te viu, quem te vê, Sebastian, disse comigo mesmo. Tive vontade de atirar a xícara numa das paredes impolutas, tive vontade de sentar com a xícara entre os joelhos e chorar[...]*Permaneci hierático, inexpressivo. Fiz cara de tédio” (BOLAÑO, 2004, pp.84-85). E começaram as aulas de marxismo para a Junta em “*Nove aulas. Nove lições. Pouca bibliografia*” (BOLAÑO, 2004, p.88). Com direito a comentários sobre Martha Hanecker e seu mestre, Louis Althusser.

“*Terei trabalhado bem? Terão aprendido alguma coisa? Terei ensinado algo? Fiz o que era para fazer? Fiz o que devia fazer?[...] Se contasse aos meus amigos escritores o que havia feito, teria sua aprovação?[...]Sabe um homem sempre o que está certo e o que está errado?*” (BOLAÑO, 2004, p.88-89). Se a dúvida assalta a consciência de Lacroix, a quem recorrer? A Farewell, o “Adeus”, o octagenário, com a lucidez comprometida, o maior crítico literário chileno esquecido. “*fiz bem ou fiz mal?[...]agi corretamente ou me excedi?E Farewell respondeu com outra pergunta: foi uma atuação necessária ou desnecessária? Necessária, necessária, necessária, disse eu. Isso pareceu bastar a ele e, momentaneamente, também a mim*” (BOLAÑO, 2004, p.93).

Na câmara escura de Farewell a consciência deveria encontrar-se tranquilizada e o acordo do silêncio, entre amigos, preservado. Mas não foi bem assim. O velho crítico espalhou a notícia, por toda Santiago, que o padre Lacroix havia sido professor da Junta. Aqui se apresenta o único momento em que Sebastian possui algum medo do julgamento dos outros, da moralidade alheia. O que diriam se soubessem, de fonte avalizada, que Lacroix, o padre Icabache (seu pseudônimo literário), o opudeísta, o amigo dos novos escritores chilenos e o amante do equilíbrio clássico, tivesse sido o professor de Pinochet e semelhantes? Que diriam? Que fariam? Nada. E a narrativa prossegue:

De modo que sentei diante do telefone e esperei os telefonemas dos amigos e dos ex-amigos, os telefonemas de Oidó, Odem e Pérez Larouche, recriminando minha indiscrição, os telefonemas anônimos, dos ressentidos, os telefonemas das autoridades eclesíásticas interessadas em saber quanto havia de verdade e quanto de mentira no boato que corria, sem falar nos cenáculos culturais de Santiago, mas ninguém telefonou. A princípio atribuí esse silêncio a uma atitude de repulsa geral por minha pessoa. Depois, com estupor, dei-me conta de que ninguém dava a mínima para a história. (BOLAÑO, 2004, p.94).



E se ninguém dava a mínima para o colaboracionismo de Lacroix – que não foi exclusivo – ele formula, a seguir, que “*todos, mais cedo ou mais tarde, iam voltar a compartilhar o poder. Direita, centro, esquerda, todos da mesma família*” (BOLAÑO, 2004, p.95). O poder opera como uma dança de cadeiras, de maneira semelhante à posição dos intelectuais, dos escritores, dos cidadãos, em sua conclusão. “*Problemas éticos, alguns, problemas estéticos, nenhum*” (BOLAÑO, 2004, p.95). “*Pude voltar a sair à rua, pude voltar a telefonar para os meus conhecidos, e ninguém me disse nada. Naqueles anos de aço e silêncio[...]todos éramos chilenos, todos éramos gente comum, discreta, lógica, moderada, prudente sensata, todos sabíamos que era preciso fazer alguma coisa, que haviam coisas que eram necessárias, uma época de sacrifícios e outra de sadia reflexão*” (BOLAÑO, 2004, p.95).

As passagens acima, como em epígrafe, resumem Lacroix, os intelectuais diante do poder, a postura colaboracionista de alguns grupos sociais, a conciliação. Nos anos de aço e silêncio, o padre Sebastian pode brilhar como um cidadão exemplar. Todos sabiam o que ele fez, mas mesmo assim, muitos vieram lhe pedir favores, uma recomendação, uma resenha:

E eu fui pródigo em recomendações, favores, dados profissionais sem importância que, no entanto, os interessados me agradeciam como se eu lhes houvesse garantido a salvação eterna! [...] Je todos diziam, ao ver minha batina, ali vai o padre Sebastian, ali vai o padre Urrutia, incansável, esse chileno resplandesciente (BOLAÑO, 2004, pp.95-96).

E será a partir deste ponto que se procederá, em suas memórias, a grande discussão sobre o papel dos intelectuais e a transição para a década de 1990. Reforça-se o traço de ambiguidade na narrativa do padre moribundo. Se ele podia, nos anos ditatoriais, sair às ruas e respirar Santiago “*com o vago convencimento de estar, se não no melhor dos mundos, pelo menos num mundo possível, um mundo real*” (BOLAÑO, 2004, pp.95-96), isso não o impedia de, algum modo, depois de vivenciado tudo, posicionar-se face ao novo *status quo*, publicando poemas em nome da liberdade, livros estranhos, “*estranhos por serem meus*” (BOLAÑO, 2004, p.96), críticas literárias conclamando por uma nova postura diante da cultura chilena. Um apelo aos intelectuais? Sim, mas um apelo que se esvaía, que não encontrava ouvidos, uma vez que o grande problema do momento político era que

[...] Nós nos entediávamos. Líamos e nos entediávamos. Nós, intelectuais. Porque



não se pode ler o dia inteiro e a noite inteira. Não éramos, não somos titãs cegos, e naqueles anos, como agora, os escritores e artistas chilenos precisavam se unir e conversar, se possível num lugar simpático e com pessoas inteligentes. O problema, à parte o fato incontornável de que muitos tinham ido embora do país por problemas muitas vezes muito mais de índole pessoal que de política, estava no toque de recolher. Onde os intelectuais, os artistas, podiam se reunir, se às dez da noite tudo fechava e à noite, como todo mundo sabe, é o momento propício para a reunião, para as confidências e para o diálogo entre iguais? Os artistas, os escritores. Que época. (BOLAÑO, 2004, p.97).

Que época, de fato. Que esperar dos escritores e dos intelectuais, quando suas maiores preocupações estão concentradas na impossibilidade de se reunir para conversar? Mas seria uma época estranha ou um comportamento diferente de toda narrativa anterior de Lacroix? Se o ambiente intelectual, menos por conta das suas grandes figuras, era forjado e se desenvolvia por uma sociabilidade – os encontros em Lá-Bas, as conversas em casa de Don Reyes, os encontros com Neruda etc. –, privar-se dela, em qualquer situação, era insuportável. Que saída para escapar do sufoco? Qualquer uma, mesmo que aparentemente manche qualquer aura que rodeie os intelectuais: *“a história, a verdadeira história, só eu conheço. Ela é simples, cruel e verdadeira, e deveria nos fazer rir, deveria nos matar de rir. Mas nós só sabemos chorar; a única coisa que fazemos com convicção é chorar”* (BOLAÑO, 2004, p. 98).

A solução para o dilema dos intelectuais se chama Maria Canales. Jovem escritora de algum talento, aspirando à sociabilidade dos pares para se consagrar. Ela possuía uma casa afastada da cidade, onde todos poderiam se encontrar e, na esfera privada, viver a liberdade que o âmbito público obstava. Promove serões, saraus, soirées em sua casa, onde os novos amigos, escritores, artistas, intelectuais, se encontram. *“Que alívio mais chileno. Neste país esquecido por Deus só uns poucos somos realmente cultos. O resto não sabe nada. Mas as pessoas são simpáticas e conquistam a simpatia das outras”* (BOLAÑO, 2004, p.99), resume Lacroix. E isso era o suficiente a se saber para começar a frequentar a casa de Canales, com seus dois filhos pequenos e o marido americano, Jimmy Thompson.

Tudo ia bem, embora na pátria nem tanto¹¹. A ambiência e a sociabilidade

¹¹ “[...] na ampla sala de Maria Canales, começava a festa, a anfitriã servia uísque para todo mundo, alguém punha um disco de Debussy, um disco de Webern gravado pelo Berliner Philharmoniker, não demorava para que alguém resolvesse recitar um poema e para que outro resolvesse comentar em voz alta as virtudes deste ou daquele romance, discutia-se pintura e dança contemporânea, formavam-se rodas, criticava-se a última obra de fulano, diziam-se maravilhas da mais recente performance de beltrano, bocejava-se, às vezes se aproximava de mim algum poeta jovem, contrário ao regime, punha-se a falar de Pound e terminava falando de seu próprio trabalho (eu sempre estava interessado no trabalho



reconquistadas, confortavelmente exercidas. Mas a que preço? No tocante à elaboração literária, nenhum; em relação à memória social, alguns. *Problemas éticos versus problemas estéticos*: feitas as contas, o que sobra é a consciência do indivíduo a se debater com o passado, justificando elementos do presente. “*Eu não ia toda semana. Eu aparecia na casa de Maria Canales uma vez por mês. Talvez menos. Mas havia escritores que ia toda semana. Ou mais! Agora todos negam. Agora é capaz que digam que eu ia toda semana*” (BOLAÑO, 2004, p.101). Mas em que reside esse receio ante o julgamento do presente para Lacroix? Em camadas se revela o que era a casa de Maria Canales e, literalmente, o que se escondia no subsolo, debaixo de pés e narizes de intelectuais entediados.

“*Depois chegou a democracia, o momento em que todos os chilenos deviam se reconciliar entre si*” (BOLAÑO, 2004, p.111). Marcando o fim do período Pinochet, portanto, o começo dos anos 1990, o padre Lacroix anuncia este momento com a história da casa de Canales, reconstruindo em sua memória a história triste e verdadeira, que somente ele conhecia. A história do que fizeram alguns intelectuais sob os anos de ditadura, como se posicionaram. A história de Jimmy Thompson, que “*havia sido um dos principais agentes da DINA e que usava sua casa como centro de interrogatórios*” (BOLAÑO, 2004, p.111), onde não se matava ninguém, apenas eventualmente, pois era uma casa de transição da polícia política chilena para outras detenções e destinos. A história, também, do conhecimento e silêncio dos escritores, como o dramaturgo de vanguarda e Canales, que “*sabia desde muito antes. Mas ela queria ser escritora, e os escritores necessitam da proximidade física de outros escritores*” (BOLAÑO, 2004, p.111). A história, afinal, onde tudo, por mais inexplicável que seja, se justifica.

Eu me fiz a seguinte pergunta: por que María Canales, sabendo o que o marido fazia no porão, levava convidados para casa? A resposta era simples: porque durante as soirées, em regra, não havia hóspedes no porão. Eu me fiz a seguinte pergunta: por que naquela noite um dos convidados, ao se perder, encontrou aquele pobre homem? A resposta era simples: porque o costume leva a relaxar toda precaução [...] Eu me fiz a seguinte pergunta: por que, na hora, ninguém disse nada?” (BOLAÑO, 2004, pp. 111-112).

dos jovens, não importava a orientação política que tivessem), a anfitriã aparecia de repente com uma bandeja cheia de empanadas, alguém se punha a chorar, outros cantavam, às seis da manhã, ou às sete, quando já havia terminado o toque de recolher, todos voltávamos numa fila indiana cambaleante para nossos carros, alguns abraçados, outros meio adormecidos, a maioria feliz, então os motores de seis ou sete carros aturdiam a manhã e emudeciam por uns segundos o canto dos passarinhos no jardim, e a anfitriã nos dava adeus do alpendre[...] Passada uma semana, lá estávamos de novo” (BOLAÑO, 2004, p.100-101).



A resposta era simples também. Medo de alguns. Ignorância de outros, como de Lacroix. Entre o medo e a ignorância, a penumbra e claridade, a denúncia e o voyeurismo, a democracia chilena se constrói e o passado se acerta. A casa de Canales, denunciada, passa a ser objeto de investigação, no período democrático, de jornalistas e curiosos. A vontade de saber e a necessidade de julgar mudam o cotidiano? Alteram os fatos? Demolido o passado, como lidar com a consciência dos homens? O diálogo travado no reencontro, depois de anos, entre Lacroix e Canales, é elucidativo nesse sentido.

[...]quer ver o porão?, perguntou. Eu a teria esbofeteado ali mesmo, em vez disso, sentei-me e neguei várias vezes com a cabeça. Fechei os olhos. Dentro de alguns meses já não será possível, disse-me[...]Tornei a negar com a cabeça. Vão pôr a casa abaixo. Vão demolir o porão. Aqui um empregado de Jimmy matou o funcionário espanhol da Unesco. Aqui Jimmy matou Cecília Sánchez Poblete[...] Quer ir ver o porão? Levantei, dei uns passos pela sala onde antes se reuniam os escritores da minha pátria, os artistas, os trabalhadores da cultura, e fiz que não com a cabeça.[...] Enquanto dirigia de volta para Santiago, pensei nas palavras dela. É assim que se faz literatura no Chile, mas não só no Chile, também na Argentina e no México, na Guatemala e no Uruguai, e na Espanha, na França e na Alemanha, e na verde Inglaterra, e na alegre Itália. Assim se faz literatura. Ou o que nós, para não cair na sarjeta, chamamos literatura [...] (BOLAÑO, 2004, pp.114-115).

A expiação de Lacroix chega ao fim, com a capacidade de amalgamar sua história pessoal com a trajetória coletiva de seus pares. Ao confrontar-se, fez o mesmo com todos. Teria chegado à paz, interrompida pelo *jovem envelhecido*? Teria o Chile alcançado alguma estabilidade, depois dos anos de aço e silêncio? E o que importa? Chegando-se a alguma conclusão, o presente e o passado tornam-se mais suportáveis?

Sebastian Urrutia Lacroix precisou de um único parágrafo de cento e dezoito páginas para tentar compreender algo. Esse algo que se construiu na superposição dos tempos narrativos, na velocidade acelerada das cenas descritas ou na demora detalhada de situações que, aparentemente, nada tinham que ver com a história contada (o caso de Jünger, a lenda da Colina dos Heróis, a vida dos Papas e o debate com Farewell, a Árvore de Judas etc.). Histórias dentro da história, narrativas que se entremeiam, personagens indefinidos. Os olhos baços de Lacroix, que rememoram à beira da morte, colocam em xeque o estatuto do real de quase todas as figuras e eventos que lhe é dado recordar. Nada é o que aparenta ser; é preciso ver sob a pele das palavras. Contudo, enganam-se aqueles que buscam em Bolaño alguma essência. Sua desafiadora ilusão realista joga a todo tempo com o leitor de *Noturno do Chile*, fazendo, inclusive, deduzir



que quanto mais próximo das evidências empíricas, dos fatos e das coisas datadas, mais perto estará de desvendar o romance. Ao contrário: cada fato, cada dado histórico, cada evidência leva mais fundo no imaginado e apenas se descobre que uma nova camada se apresentou ao leitor e uma nova possibilidade, ambivalente e ambígua, se construiu e precisa ser desvendada novamente.

Ao chegar ao fim, a pergunta que mais o incomoda é: “Onde está o *jovem envelhecido*?” Ele que apareceu em momentos muito precisos de toda a narrativa, apontando o dedo ou permanecendo em silêncio inquisidor. O *jovem envelhecido* com quem Sebastian dialogou áspera ou ternamente, de quem talvez precisasse da aprovação sobre certos fatos, ou que precisasse justificar aqueles mais difíceis de explicar. Esse personagem indefinido, que é a expressão concretizada de uma vida inteira, acompanhando Lacroix de seu início difícil ao fim melancólico, marcando em seu nome composto de duplo adjetivo a própria passagem do tempo, o confronto interno entre gerações, o passado e o presente em atrito contínuo. E que, nesse confronto, cumpre a função também de não se revelar, de não se desfraldar completamente, o que coloca em suspeita a percepção sobre o futuro. Sebastian está morrendo. E o *jovem envelhecido*?

[...]porque foi embora?, e pouco a pouco a verdade começa a ascender como um cadáver. Um cadáver que sobe do fundo do mar ou do fundo de um barranco. Vejo sua sombra subindo. Sua sombra vacilante. Sua sombra subindo como se galgasse a colina de um planeta fossilizado. E então, na penumbra de minha enfermidade, vejo seu rosto feroz, seu doce rosto e me pergunto: sou eu o jovem envelhecido?[...] (BOLAÑO, 2004, pp.117-118).

“*Sou eu o jovem envelhecido?*” Se a resposta for positiva, esse personagem opera como uma espécie de consciência exterior de Lacroix. E é mais um dos índices da capacidade criativa de Roberto Bolaño em *Noturno do Chile*: a criação de um heterônimo para um personagem ficcional. Que não é seu duplo, nem opera, necessariamente, como seu antagonista, tampouco apenas como outro *Eu*. É um personagem cuja trajetória é plasmada à de outro. “*O jovem envelhecido sempre esteve sozinho, e eu sempre estive com a história. Apóio-me no cotovelo e o procuro. Só vejo meus livros, as paredes do meu quarto, uma janela em meio à penumbra e à claridade*” (BOLAÑO, 2004, pp.116). Um personagem que permanece indefinido até o fim, cujas descrições finais o assemelham à própria morte. Mas não apenas a morte de um indivíduo. Talvez da própria literatura, da própria história social.



Muito mais do que um *drama de gente*, os heterônimos são uma expressão individualizada do personagem¹², alguém singular e, em se tratando do jovem envelhecido, colocado em cena, magistralmente por Bolaño, no instante em que a paz e o silêncio abandonaram Lacroix e ele começa a atravessar a cesura da morte. Neste instante, em que “eventos que estão no recato do tempo eventualmente se revelam na vida consciente da pessoa”¹³, é que a figura do heterônimo, um personagem do personagem de ficção ganha força no romance. Todas as despedidas são feitas de sombras, de tormento e de solidão, por isso é preciso estar acompanhado, ainda que seja por sua própria consciência. E no romance esta revelação da consciência é marcada pela presença do *jovem envelhecido*. Ele é toda a consciência psíquica de Lacroix, a expressão de uma existência inteira, que vai da juventude à velhice – “*pareceu-me então enxergar o jovem envelhecido no vão da porta [...] e ele então devia ter somente uns cinco anos, talvez seis*” (BOLAÑO, 2004, p.17) e de quem temos notícia logo nas primeiras linhas do romance, embora sua identidade seja revelada somente ao final do primeiro parágrafo. Ainda sobre este heterônimo, o que se sabe é que ele permanecerá ao pé da cama de Lacroix, ali, separado, diferenciado, quieto, enquanto o padre transita de forma dramática pela morte.

Vejo sua sombra subindo. Sua sombra vacilante. Sua sombra subindo como se galgasse a colina de um planeta fossilizado. E então, na penumbra da minha enfermidade, vejo seu rosto feroz, seu doce rosto e me pergunto: sou eu o jovem envelhecido? É esse o verdadeiro, o grande terror, ser eu o jovem envelhecido que grita sem que ninguém o ouça? (BOLAÑO, 2004, p.117).

Sem ter quem o ouça, a não ser Deus, “*porque os silêncios ascendem ao céu e Deus os ouve, e só Deus os compreende e os julga, de modo que muito cuidado com os silêncios*” (BOLAÑO, 2004, p.09), o *jovem envelhecido* cumpre esta sentença até o último momento do romance, quando, então, das sombras de um quarto estreito e escuro, um moribundo em expiação reconhece que as sombras tomadas como realidade não passavam de sombras e que as imagens, os pensamentos e o *jovem envelhecido*, foram criados por ele mesmo. Neste instante, o silêncio é rompido e a morte é anunciada sem frase solene e digna de epitáfio. Inicia-se, então, o segundo e último parágrafo, composto apenas de uma frase de oito palavras, que, menos que revelar,

¹² Acerca da heteronímia ver José Saramago, *As máscaras que se olham*, In: *JL*. Lisboa, 26 de Novembro de 1985. Fonte: <http://www.instituto-camoes.pt/> acesso em: 24.set. 2010.

¹³ Sobre as diferentes cesuras humanas ver: BION, 1981.



realça o papel da ambiguidade presente em toda a narrativa: “*E depois se desencadeia a tormenta de merda*” (BOLAÑO, 2004, p.118).

Impedindo que seu personagem possua a morte imediatamente e dê um fim à dramática narrativa, Bolaño oferece ao leitor uma profunda e lenta experiência do leito de morte, da tomada de consciência de um homem, mergulhado em sua história pessoal e de seu país, o Chile.

“*E que o pobre envelhecido seja eu? E então passam a uma velocidade de vertigem os rostos que admirei, os rostos que amei, odiei, invejei e desprezei[...]*” (BOLAÑO, 2004, p.118). Quem disse isso? Lacroix? O *jovem envelhecido*? E que importa quem disse? A frase é a síntese da narrativa, a síntese de um processo, ao mesmo tempo social e individual. Há aí, talvez, mais uma sugestão muito interessante do autor: se a expiação de uma vida pode durar cento e dezoito páginas de exposição, justificação, descrição de si e de outros, a conclusão que se tira, ao contrário de levar a uma clareza de compreensão (e, portanto, uma limpeza daquilo que atrapalha e nubla a consciência), conduz ao escatológico e à incontinência. Ou, melhor: à *incontinência do escatológico*. Seja do fluxo de consciência individual, seja da avaliação do processo social. Há uma sugestão muito interessante entre memória e escatologia no livro, o que faz pensar sobre a relação que o presente mantém com o passado, especialmente dos momentos mais críticos. Rememorar (social ou individualmente) é volver uma tormenta de imundícies, cujas consequências se tornam imprevisíveis e incontroláveis. Feitas as contas, *tirada a peruca*, na tentativa de sair do âmbito das aparências, de se expor no espaço público, significa permanecer no terreno das sombras, das zonas cinzentas, do indefinível e do incômodo.

Abstract: *Noturno do Chile*, written by Roberto Bolaño, is a novel about the shadows. Shadows that are built with the approaching of the priest Lacroix. Trying to unravel them is part of reading this book, translated some years ago in Brazil (2004). But it is not an easy book to calm readers, because its narrative disturbs and provokes everyone to "take off the wig". And this act is less simple than it seems, because its challenging realistic illusion is an invitation to interpretation. In *Noturno do Chile* is necessary to distrust each empirical evidence, every fact and every element dated, because the narrator leads us to think that approaching to the history, we will be able to unveil the novel, which is merely a clever literary maneuver. The facts, the historical data, the evidences, lead us more toward the shadows, and from there we discover that a new stratum is presented, a new image, as bleak as the first one, is built and we need to uncover it again. "Nothing is what it seems" is one of the assertions of *Noturno do Chile*, and the invitation is to try to see under the words skin.

Keywords: Roberto Bolaño, Chilean literature, sociology of literature; metaliterature, micro-history.



Referências Bibliográficas

AUERBACH, Erich. *Mimesis*, São Paulo: Perspectiva, 2000.

BION, W.R., “Cesura”, In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15: 137, 1981, pp.123-136.

BOLAÑO, Roberto. *Noturno do Chile*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOLOGNESE, Chiara. “Roberto Bolaño y sus comienzos literarios: El infrarrealismo entre realidad y ficción”. *Acta lit.*, Concepción (Chile), n. 39, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071768482009000200010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 02. set. 2010.

BRECHT, Bertold, “Elogio do esquecimento”, In: *Bertolt Brecht – Poemas 1913-1956*, São Paulo: Editora 34, 2001.

THIESSE, Anne-Marie. *Le roman quotidien: lecteurs et lectures populaires à la Belle Époque*, Paris: Éditions du Seuil, 2000.